

Ares Serranos

Capítulo I

Falar do Gerês e das suas gentes é fácil. Efectivamente, a natureza foi farta e generosa com aquela terra, a fauna e a flora da serra são deslumbrantes, quem, como eu já foi aos Carris, ao Pê de Cabril, a Cascata do Arado, quem já calcorreou inúmeros trilhos ou carreiros serranos, grava na memória representações pictóricas de lugares campestres tão magníficas que jamais passarão ao esquecimento. Esta paisagem é enriquecida pela população. Na verdade, é afável e simpática, realmente são de um trato fino e afectuoso. Contudo, são rectos e com um sentimento de honra muito elevados, senão vejamos a descrição efectuada no Século XVIII, constante no "Dicionário Geográfico, Estatístico, Chorográfico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico." De Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal. Passo a citar: "A povoação das Caldas pertence à freguesia de Vilar da Veiga, que tem (diz o autor, referindo-se ao ano de 1782) 148 homens e 175 mulheres, - total 323 habitantes, em 92 fogos, constituindo uma pequena república, «similhante à de nossos pais, antes que conhecessem o jugo romano, gótico e arábigo».

O governo he democrático, e as dicções confiadas ao conselho e prudência dos anciãos, são sagradas...

Tem 7 tribunaes, e em cada hum prezide um velho, assistido 6 homens, a que chamão homens d'accordo. No regimento de tão pequeno estado se occupão 7 juizes e 42 homens d'accordo.

Cada tribunal exerce diferentes funcções...

O 1º he o do Juiz da Igreja se tratão negócios respectivos a Igreja.

O 2º he do Monteiro, em que se julga das montarias.

O 3º das Vaccas, que apena e despensa os vaqueiros e se informa da sua conta da guarda do gado.

O 4º e 5º das Cabras.

O 6º do Lagar do azeite, em que se dispõem da cultura e feitura do azeite.

O 7º he do Lugar, onde tratão negócios particulares, sobre obras, distribuição de terras para cultura, etc.

Vão aos chamados (dizem elles) e cada tribunal tem lugar próprio. Para o do Monteiro são convocados ao som da buzina; para os outros ao som de frautas diversas. A qualidade das penas são muitas vezes canadas de vinho.

São estes povos muito zelosos de suas mulheres e filhas. Olhar para elas hum estranho é offendel-os, pelo que há poucos annos (refere-se a 1782) passando qualquer pessoa a elles desconhecida, como o objecto zelado chegasse a ser visto pelo tranzeunte, convocava-se o povo de repente, hum e outro sexo se armava com armas de fogo, paus e pedras, e expelião o pobre estrangeiro. António Soromenho d'Oliveira, abalizado sacerdote, sendo

seu vigário, os dissuadiu d'esta temeridade, e em assembleia pactuarão que d'ahi em diante fielmente cumprirão, porque as suas promessas são invioláveis!" fim de citação. Organizados, zelosos do que era seu, duros e disciplinados. Porém, cumpridores da sua palavra. Digo eu.

A minha ligação a esta terra e a esta gente estabeleceu-se na minha nascença. Não obstante ser flaviense de nascimento e bracarense de coração, as minhas raízes encontram-se, por via paterna no Gerês e por via materna no Vilar da Veiga, sou neto do Zé Guimarães (alfaiate) que foi figura, não direi típica mas bastante popular no Gerês, por outro lado, também sou neto do Mestre Zé Gonçalves, que nos anos trinta e quarenta foi o responsável pela Banda Musical do Vilar da Veiga. Após o falecimento do meu avô o meu tio Domingos ainda tentou dar seguimento à Banda. Todavia, não obstante ser um músico de excepção, não tinha autoridade e a disciplina do pai, razão pela qual, tal Banda se extinguiu. Desde a infância algumas férias de Verão foram passadas no Vilar da Veiga, nas casas das minhas tias Gracinda e Angelina ou dos meus tios Manuel da Assureira ou Manuel Guimarães (Gerês). As idas para a serra acompanhando o rebanho de cabras e ovelhas das minhas tias que era pastoreado pelo meu primo Zé Augusto, eram tão enleantes que as horas se passavam sem dar por isso. Os banhos dados na albufeira (na poça do eido) eram tão refrescantes que só eram interrompidos quando as tias chamavam ou quando improvisávamos canas de pesca, com canas de fogueito, linhas de coser, cortiça de rolha para a bóia, uma cabeça de prego para o peso e um arame fino para manufacturar um anzol, sendo certo que para o isco tínhamos três opções, a saber: minhoca, mosca ou pequenas bolinhas de pão, mesmo com este material arcaico, por vezes, lá se sacava uma pequena boga que, obviamente, devia andar muito distraída. As idas à "quinta do padre" com o meu tio e padrinho Mota eram autênticas aulas sobre a natureza. A vasta sabedoria que possuía transmitia-a de uma forma natural, recordo-me que foi com ele que pela primeira vez na minha vida comi cogumelos "xoleiros". De facto, foram apanhados na hora, lavados e assados na brasa. Na hora da apanha foi-me explicado e comparados com outras espécies, a razão porque estes eram comestíveis. Na realidade era tudo tão natural, o pão era cozido em casa, o porco, que dava carne para todo o ano era criado domesticamente, a matança do animal era um festa, disputava com o meu irmão e com os meus primos a bexiga do desgraçado para fazer um balão, o leite era das cabras, as hortaliças do quintal ou da quinta, efectivamente e não obstante (no Vilar da Veiga) não haver, até meados dos anos 70, electricidade, afirmo com muita convicção que éramos uns privilegiados.

Desde sempre tive apego ao Vilar da Veiga e ao Gerês.

Por: Luís Gonçalves Guimarães

Aliás, ainda hoje as minhas filhas me dizem que quando na sua infância saíamos num qualquer passeio domingueiro, sem alvitar o destino, elas de imediato diziam "lá vamos para o Gerês". Era inconsciente era como o grito da sereia dirigido ao pobre marinheiro. Aquela terra tem algo de especial.

Capítulo II

Noutra ocasião, já me referi sobre a afabilidade e simpatia da gente serrana. A par de serem rectos e com um sentimento de honra muito elevado, também possuem um sentido muito grande de disciplina e solidariedade.

Não para confirmar mas sim para reforçar esta ideia, veja-se a célebre história do famigerado "Rei Preto", indivíduo que ganhou notoriedade no Vilar da Veiga e freguesias limítrofes, por ser um ousado saltador e ladrão assassino. Efectivamente, espalhou o terror por toda a região serrana, as suas saídas eram quase sempre cobertas com o sangue das suas vítimas indefesas. Tanto assaltava quintas, residências ou muito simplesmente viajantes, querem estes fossem meros peregrinos ou vulgares mercadores. As pessoas não se aventuravam a viajar de noite e quando o faziam, armavam-se fortemente e aliavam-se em grandes grupos. O Rei Preto era um produto da guerra civil que grassou em Portugal, entre 1828 e 1834, como é sabido em tal guerra confrontaram-se os "Absolutistas" corrente afecta a Dom Miguel e os "Liberais", ligados a Dom Pedro; também como é certo, saiu a ganhar a corrente liberal. Naquela altura não havia muita piedade pelos vencidos, pelo que muitos Miguelistas passaram-se para Espanha, onde ajudaram numa luta espanhola os Carlistas, outros passaram à clandestinidade em Portugal, dedicando-se à guerrilha. Como por exemplo o "Remexido" na zona serrana do Algarve. Todavia, outros, tal qual o Rei Preto, abandonados à sua sorte, efectuaram a guerrilha por conta própria, chamando para si todos os proveitos da sua acção delitosa e espalhando o ódio e o terror sem qualquer tipo de limitações.

A Guarda e o Exército eram chamados desde Braga, para prender este grande facinora. Porém, como a preparação e a viagem se passava com bastante alarido e enorme lentidão, o Rei Preto sabia de antemão quando as forças saíam de Braga ou do Porto para o procurar, pelo que com facilidade se internava e obviamente se dissimulava na Serra do Gerês ou na Serra do Xurê na Galiza. Aliás, este com o passar do tempo estabeleceu residência num tugúrio serrano que se situava nos subúrbios de Lobos, onde as autoridades galegas o deixavam mais ou menos à vontade, na medida em que ele, por aquelas bandas tinha uma vida muito recatada e sem infringir qualquer lei penal ou social local.

* Continua na pág. 10

Um apelo solidário...

A ataca Associação de Tutores e Amigos da Criança Africana é uma organização não governamental para o desenvolvimento (ONGD), com sede na cidade do Porto, que visa o desenvolvimento humano nas regiões do mundo mais desfavorecidas, nomeadamente em África, onde está actualmente a operar com voluntários em várias regiões de Moçambique. A ataca não tem qualquer filiação política ou religiosa, tendo como objectivo um melhor e mais responsável desenvolvimento humano, sustentado nos Direitos Humanos e da Criança.



Hoje, a ataca conta com uma equipa constituída por cerca de 60 voluntários em Portugal, que apoiam a ONGD no seu trabalho administrativo, logístico e de suporte aos 4 Projectos desenvolvidos em África. Conta também, e permanentemente, com equipas de voluntários no terreno, as quais monitorizam, controlam e gerem os referidos Projectos que, actualmente, prestam apoio

a cerca de 300 crianças, seus familiares e vizinhos, o que no total poderá contabilizar cerca de 2000 beneficiários.

Como pode ajudar

Sócio individual por 10 euros mensais

Sócio colectivo 10 euros mensais divididos por um qualquer número de pessoas.

A ataca está a promover uma campanha de uma angariação de sócios, porque as quotizações dos seus associados (10€/mês) são fundamentais para garantir o seu dia a dia, e assegurar todas as suas despesas de funcionamento, com correspondência, telecomunicações, água, luz e, nomeadamente todo o apoio necessário aos voluntários no terreno. Com a ajuda dos sócios individuais e/ou colectivos, poderemos conseguir, não reter parte do apoio das

contribuições dos tutores destinados às nossas crianças, e assim enviar a totalidade dessa contribuição directamente para a sua educação, alimentação, vestuário e saúde.

Participe e apoie-nos, assegurando assim a continuidade destes nossos Projectos contactando ataka@ataka.org ou 220 176 997.

Cabe-me um agradecimento especial ao Director do Gerês, Agostinho Moura, por ter acolhido e acarinhado esta parceria/colaboração entre as nossas duas instituições, que julgo irá ser com toda a certeza benéfica quer para a ataca, quer para o Gerês.

Boas Férias para todos, e até Setembro!

AF

Registo

Miguel Relvas, ministro - adjunto e dos Assuntos Parlamentares, tem andado, ultimamente, na crista da onda mediática pelos piores motivos para um político praticamente em início de carreira, como ele.

Depois da celeuma criada em torno do jornal "Público", em que os esforços exagerados dos responsáveis da ERC, por aquele político nomeados, foram muito pouco convincentes para a opinião pública, quanto à gravidade das acusações de abuso do poder de que foi acusado, de novo o seu nome veio à liça quando, à semelhança de José Sócrates, se estranhou a velocidade supersónica com que obteve, num ano, o diploma da sua licenciatura no curso de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Lusófona, no qual concluiu apenas quatro disciplinas e teve a equivalência a trinta e duas!...

Além de lamentável e vergonhoso a todos os títulos, casos como este não significam minimamente o país, pelo terceiro-mundismo que eles representam. Como não abonam em nada, - bem pelo contrário! - a cada vez mais desacreditada classe política reinante que, de forma inextinguível, está a cavar a sua própria sepultura. É tempo de se dizer "Basta!" a tanta trapaçalice!...

Nelson Veloso